

Muita invasão para nenhum culpado

Secretária de Habitação diz que governo anterior poderia ter evitado as ocupações. Antecessora garante que não houve omissão

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

As novas ocupações que fervilham por todo o Distrito Federal deveriam ter sido evitadas no governo Cristovam Buarque (PT), segundo a secretária de Habitação, Ivelise Longhi. Ela diz que a corrida por lotes não é surpresa. "Advertimos o ex-governador sobre o crescimento dessas invasões. Enviamos dois ofícios alertando sobre isso e pedindo providências."

A secretária acha que houve descuido nas operações de fiscalização do Serviço de Vigilância do Solo. A ordem, segundo Ivelise, é para que os funcionários do órgão e das administrações regionais evitem a proliferação de novos barracos, embora esta semana tenham sido canceladas oito ações de retirada de invasões no Distrito Federal pelo SivSolo, por causa de mudança de comando.

A ex-presidente do Instituto Habitacional do Distrito Federal (Idhab), Alexandra Reschke, protesta. "Isso não é verdade. Não fizemos corpomole, nem depois das eleições", garante. "Todas as ações de força necessárias para retirar as novas invasões foram feitas", diz ela, citando operações em Samambaia, onde foram derrubados barracos em dezembro.

O major Wolney Rodrigues, que comandou as últimas remoções, confirma. "Somente em Sobradinho, foram 37 barracos, em 16 de dezembro", lembra. Na última segunda-feira, um dia antes de entregar o cargo de subgerente do SivSolo, ele demoliu 13 barracos na invasão da Estrutural.

MAIS 50 BARRACOS

Enquanto o atual governo não executa medidas para conter as invasões, elas continuam proliferando em ritmo cada vez mais intenso. Em Sobradinho II, os barracos de madeirite velha insistem em aparecer. Na manhã de ontem, o sorveteiro Pedro Luís Mesquita, de 51 anos, ignorava a chuva fina e ajeitava as quatro telhas de amianto que vão cobrir o cômodo, onde pretende morar com a mulher Dircê e os três filhos.

Ao redor do barraco dele, no lote de esquina do conjunto 2 da quadra

AR 1, já existem outros quatro. "Sempre passo por aqui e ficava observando esses barracos aparecerem. Ah, então vou fazer o meu também", diz o homem, que nasceu em Santa Quitéria, no Ceará, e veio para Brasília em 1969. Começou a construir esta semana, terça-feira.

"Vamos ver se dá certo. Ninguém pode garantir que Roriz não vai fazer igual ao outro. É fazer mesmo e se aventurar", diz o invasor, que paga R\$ 170 de aluguel por uma casinha em Sobradinho II e pretendia se mudar ontem à tarde. "Minha mulher chega daqui a pouco, trazendo o fogão."

A poucos metros do barraco semi-pronto do sorveteiro, outra invasão toma

ma forma. O número de casebres é bem maior. Perto de 50. Só na vizinhança do pedreiro Ernane Alves dos Santos, de 30 anos, existem 22 habitações improvisadas. Ele, a mulher Gilsara e os três filhos foram dos primeiros a chegar. "Dia 30 fez um mês que a gente tá aqui", lembra. O casal e os filhos nas-

ceram em Brasília, em Sobradinho.

"Nesses quatro anos de Cristovam, a gente nunca invadiu. Antes não tinha muita fé. Ficava com medo de derrubar", explica. "Mas com Roriz vai ser diferente. Tenho muita fé nele", acredita Ernane, que pintou em uma tábua o endereço: "Avenida Central, Conjunto 13, Casa 34".

Ao lado, mora a família de Kelly Adriana, uma JOVEM de 19 anos, mãe solteira de dois filhos: Marcus Filipe, de dois anos, e Cláudia Beatriz, de apenas cinco meses.

Kelly diz que está *no sufoco*. Ainda não juntou madeirite e pedaços de tábuas e telhas suficientes para terminar o seu barraco. Ela morava de aluguel em um cômodo na AR 17 de Sobradinho. Mas o emprego da padaria não deu mais para pagar os R\$ 50,00 do aluguel. "Fiquei sabendo que estava todo mundo invadindo. Vi essa vaguinha e peguei logo", conta.

Enquanto a moradia não fica pronta, ela e as duas crianças dormem com Maria Luzanira, 40 anos, sua amiga e mãe de seis filhos. Desde domingo que as duas dividem o mesmo terreno. Medo de o governador Joaquim Roriz derrubar os barracos? Nenhum. "Se ele tirar a gente daqui, será para dar outro lugar para a gente morar", espera Kelly.

Raimundo Paccó



O casebre que Ernane Alves dos Santos ergueu para morar com a mulher e os três filhos já tem até endereço na fachada. Só não está escrito que é um lar

"Não vão dar lote? Não dou entrevista"

Os moradores que têm lotes regularizados em Sobradinho II não são simpáticos à chegada de novos vizinhos. "Está virando uma bagunça. Tem gente aí que tem lote para morar e fica querendo ganhar outro novo", diz a dona-de-casa Irani Alves de Lima, que mora no conjunto 14 da avenida Central. "Votei no Roriz, mas acho que não dá para ele deixar esse pessoal aqui. Eles queimam lixo, deixam esse cheiro, e ainda bloqueiam os locais da gente passar", reclama.

Na outra ponta do Distrito Federal, em Taguatinga Sul, outra invasão também cresce. O movimento de carroças não pára durante o dia. São invasores transportando tábuas e madeirite para a construção de mais barracos nas imediações do Parque Vivencial Saburo Onoyama. Em vários casebres há estoques de madeira.

Os novos invasores são arredios e preferem não dar muita informação. Quem se arrisca diz que as pessoas estão apenas reformando os barracos ou mudando-os de lugar. Um carroceiro de olhos claros, chamado por uns de Galego e por outros de Francisco Baiano, falou pouco, mas explicou por que puxava a carroça cheia de tábuas na tarde de ontem.

"Tô levando para o novo loteamento que o Roriz vai dar pra nós." Mais adiante, sem mesmo tirar o cigarro da boca, descarregou o material e amontoou-o de forma organi-

zada na lateral do seu barraco de madeirite. O destino do material, não quis dizer. "Vocês vão me dar um lote? Não? Então, também não

"GASTAMOS DUAS SEMANAS TENTANDO DESCOBRIR ISSO AQUI. CHEGAMOS HOJE. VAMOS MUDAR ASSIM QUE DER. O ALUGUEL DO BARRACO ONDE A GENTE MORA É MUITO CARO"

Flávio,
adolescente que chegou com a família em Taguatinga Sul

dou entrevista", ateu-se em responder.

Na área do que ele chamou de "novo loteamento", vê-se o arcahouco de futuros barracos. E não

são só de reformas, como tentaram despistar alguns invasores. Gente nova, vinda de outros locais, também tenta construir o local de morar. Os irmãos Flávio, Cláudio e Pedro Barbosa são exemplos. Os três e os pais, o pedreiro João Gonçalves e a doméstica Maria Vilany, chegaram da Bahia há três semanas.

Acostumados a trabalhar na roça, os irmãos mostravam habilidade com a enxada. Na manhã de ontem, limpavam a área onde iriam construir o barraco. Até o final do dia, esperavam concluí-lo. "Gastamos duas semanas tentando descobrir isso aqui. Chegamos hoje", entrega Flávio, um adolescente de 16 anos, que estudou até a quarta série na sua cidade natal, Santana dos Brejos. "Vamos mudar assim que der. O aluguel do barraco onde a gente mora, lá perto de Samambaia, é muito caro" (CA)